

# O DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO E RECREATIVO

Redactora e proprietaria—D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco.

As assignaturas para a Corte são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno. Para as provincias 5\$ por semestre e 10\$ por anno no escriptorio da redacção, rua do Principe dos Cajueiros n. 266 sobrado.

## ESPELHO

**ADVERTENCIA.**— Não podendo sustentar-se as empresas jornalisticas sem a protecção e pontualidade no pagamento das assignaturas das pessoas que se dignam contribuir para a florescencia dellas, pedimos respeitosamente a todas aquellas que tem recebido e continuam a receber o nosso Semanario, que se dignem de mandar satisfazer suas assignaturas, para nos pouparamos ao desgosto de suspender, indistinctamente, a entrega e remessa do nosso « Domingó ».

**O Sr. Dr. Elias F. Pacheco Jordão.**— E' o primeiro da pleiade dos mocos doutos da provincia de S. Paulo actualmente na Grande União, que volta a terra natal, tendo obtido a palma de seus nobres esforços na carreira das letras.

O Sr. Dr. Elias Jordão foi um dos mais distinctos alumnos do curso de engenharia da Universidade de Cornhell, onde ficam concluindo seus estudos outros brasileiros que alli illustram a patria.

Saudamos o nosso joven e illustrado patricio, cujos conhecimentos serão por sem duvida aproveitados entre nós.

**Parahytinga.**— E' este o titulo de um Jornal litterario, industrial e noticioso, cuja publicação foi encetada em S. Luiz do Parahytinga.

E' digna de ovações dos espiritos progressistas a propensão que se vai revelando nestes ultimos tempos pela luta sagrada da imprensa.

Como expressão de sympathia pelos redactores deste novo organo do jornalismo brasileiro, apertamos-lhes as mãos, e os complementamos.

**O Mephistopheles.**— Continuamos a ser mimoseada com este organo da imprensa humoristica da Corte, o qual de dia a dia vai ganhando novos direitos a estima do illustrado publico.

## O DOMINGO

Rio, 27 de Setembro de 1874.

### A Ignorancia

Da estupidez e ignorancia nasce a immoralidade, o orgulho, a corrupção, a indolencia e a rapacidade.

A planta, que brota de um solo asperro e esteril,

jamais progride, jamais florece; assim o povo, que não surge das ondas de luz de uma civilização robusta, vem affectado das enfermidades moraes mais repugnantes.

E assim como a planta, é o homem, a planta quer a seiva da terra, o homem quer a seiva da sciencia.

Paes ignora ntes, o que podem elles transmittir a seus filhos? que sciencia podem ensinar-lhes? que moralidade podem inculcar-lhes aos annos?

A escola de um paiz é o paiz em miniatura; e a ignorancia de um povo é o espelho desse povo.

As luzes, diz Tocqueville, são as unicas garantias contra os excessos da multidão.

Royer Collard tambem disse:— Se falta a educação, a instrucção é elemento de ruina. A educação só por si ensina verdadeiramente o dever convertendo-a em pratica.

O homem civilizado faz no selvagem a caridade de conduzi-lo pela mão no caminho da civilização.

E quando o progresso em seu curso de raio, derrocando os velhos preconceitos, as idéas caducas, fizer comprehender que a instrucção é alimento tão necessario ao espirito, quanto é para o corpo o pão quotidiano, a ignorancia desapparecerá.

Ao sopro animador da instrucção resurge o passado de sob a poeira dos seculos, caminha com passo firme o presente, e como a agonia implume, ensaia o vôo futuro.

A voz solemne da instrucção ergue-se o lazaro da ignorancia, e parte em demanda da verdade.

As alavancas da instrucção faz levantar os Lycurgos e os Salens.

Que porvir pode offerecer a posteridade um paiz, onde mal se cultivam as letras, e calca-se aos pés as artes e a industria, que são os fructos da instrucção?

Cremos na marcha de nossa patria, e cremos com a

convicção dos que só crêem: cremos, porque o vapor já enfumaca até as mattas; cremos, porque o telegrapho dissipou as distancias e animou o commercio; cremos, porque elles deram vida a industria; e a agricultura e o commercio mantem a vida e a educação de um povo

## NOTAS DE INTERESSE GERAL

A capellinha da Lampadoza foi construida por provisão de 20 de Dezembro de 1747.

Foi nesta igreja que ha mais de 80 annos compareceu Joaquim José da Silva Xavier, o Tira-Dentes, de alva e capuz, para adorar a Eucharistia antes de subir ao púlbulo.

A Caixa Economica e Monte do Soccorro foram creados pelo decreto de 12 de Janeiro de 1861.

Sepultou-se em Paris no dia 25 de Agosto Frédéric Morin.

O sahimento deste grande cidadão foi de 5 a 6 mil pessoas, entre as quaes as mais notaveis, muitos representantes da imprensa franceza, e grande numero de operarios, muitos dos quaes com suas mulheres e filhos, atigos alumnos da instituição Delacourt, onde o finado exercera o professorado.

Junto ao seu tumulo, no cemiterio do Père-Lachaise, M. Garnier-Pagès, em uma allocução calorosa, traçou rapidamente a brilhante carreira de Frédéric Morin. Recordou a recusa de juramento, que interrompeu a carreira de professor, e a sua corajosa resistencia a um regimen que o orador qualificou de brutal e ao mesmo tempo corruptor. Depois de descrever a laboriosa carreira litteraria e poli-

tica de Frédéric Morin, o orador chegou ao periodo da defesa nacional, e esforçou-se por vingar em um vigoroso improviso os homens que, como Frédéric Morin, estragaram sua saude, gastaram suas forças, renunciaram a todo repouso, para trabalharem na salvação do paiz e da patria, e que recolheram entretanto, como recompensa, zombarias estupidas e cobardes calumnias. Disse ainda M. Garnier-Pagès algumas palavras em nome dos amigos que Morin tinha em Lyon, e que não podêram ser prevenidos a tempo, e terminou com um appello generoso á união de todos aquelles que querem assegurar o desaparecimento do despotismo, e o futuro da França e da Republica.

O arcamento de educação da Inglaterra é assaz ricamente dotado; enquanto em 1870 recebia do parlamento 23 milhões de francos, elle tem visto as subvenções do Estado elevadas a 36 milhões em 1871; a 38, em 1872; a 39 em 1873. Estas sommas são gastas pelo Estado; ellas não se confundem com as subvenções das municipalidades, nem com as das parochias e dos particulares.

Em Turim, além do Hospital de S. Luiz, consagrado especialmente á maternidade e orphandade encontra-se hospicio da infancia abandonada, onde são recebidas as crianças abandonadas nas praças publicas, que tenham mais de tres annos de idade e nascidas na provincia do Piemonte, nelle existindo tambem uma roda. Póde conter cerca de 6,000 crianças, que ahi recebem, além dos cuidados phisicos uma educação litteraria e artistica.

N'uma lapida que fica sobre o portão da entrada do cemiterio da igreja da Senhora da Lapa, no Porto, lê-se os seguintes bellos versos:

« Eis ossos carecidos, cinzas frias  
Em que param da vida os breves dias;

O centenário deixou-se conduzir pelo Imperador, quando Jeronymo exclamou:

— Eil-o finalmente.  
— Cypriano? perguntou Mauricio.  
— Sim, meu pai, respondeu Jeronymo.  
— Não ralhes com elle, disse Mauricio entre dentes; esta falta não será repetida.  
— Eu sei o que devo fazer, porque elle é um incorrigivel.  
— E onde está o vosso Cypriano? perguntou Napoleão a Jeronymo.

— Eil-o que chega, meu coronel.  
O Imperador olhou com curiosidade para todos os lados e só viu ao longe um invalido com o queixo de prata que luzia ao luar, e que se aproximava com a prestesa que lhe permitiam as suas duas pernas de pau. Era este o libertino sobre quem pezavam as recriminações paternas das duas gerações.

O invalido n. 3 podia ter seus sessenta annos. Além do queixo postigo, tinha um olho de vidro, mas um olho de vidro n'um invalido era então o *nec plus ultra* do galanteio. Era alto, bem construido, e andava de vagar mas perfeitamente direito, sem mesmo o auxilio nem de uma bengala, e com as mãos nos bolsos.

(Continúa.)

## FOLHETIM

### O ASYLO DOS INVALIDOS

POR EMILIO MARCOS DE SAINT-HILAIRE  
CAPITULO III

VISITA DE NAPOLEÃO AO ASYLO DOS INVALIDOS  
Continuação do n. 44.

— Sim, interrompeu o centenário, justamente no anno que S. Magestade Luiz XIV morreu.

Nesse instante chegaram á entrada de uma galeria illuminada por um reverbero que pouca luz dava.

— Então, nada de descobrires Cypriano? perguntou o velho ao filho.

— Não, meu pai, aposto que elle pediu licença para arnoitar fóra sem nol-o participar.

— Ora vamos; disse Napoleão ao centenário, quereis que eu faça as vezes do Sr. Cypriano? Vosso filho e eu, os ajudaremos a subir. O vento refresca, e na vossa idade não é bom montar guarda ao ralento.

— Meu coronel, disse Mauricio, querendo tirar o braço que Napoleão estreitava...

— Meu pai, já que o coronel quer ter tanta bondade, aproveital-vos d'ella.



Mortal, se quanto vês te não abala,  
Ouve tremenda voz que assim te falla :  
— Lembra-te, homem, que és pó e que d'est'arte  
Em pó ou cedo ou tarde has de tornar-te. — »

## PARTE RECREATIVA

### Apanhados

Um villão, tendo a mulher perigosamente doente, chamou o medico e disse-lhe :

— Sr. doutor, eu tenho vinte mil reis de meu : quer o sr. doutor mate quer cure minha mulher, pago-lhe com aquella quantia.

A mulher morreu, e o medico reclamou o preço do seu trabalho.

Então o viuvo, antes de pagar, perguntou :

V. S. matou minha mulher ?

— Não, homem, não ; que barbaridade !

— Curou-a ?

— Desgracadamente, não.

— Pois então, contracto é lei : eu disse que pagava quer a matasse, quer a curasse, O Sr. doutor confessa que não a curou, e que não matou, portanto estamos quites.

§

Indo um sугeito, que pretendia passar por muito engracado, ver certo convento, e tendo dito mil graças pesadas ao religioso que o acompanhava acabou com esta quando se despedia d'elle á porta.

— Ora diga-me Vossa Reverendissima, por aqui é que entram as moças ?

— Não senhor, respondeu o frade, por aqui sahem as bestas.

§

Perguntou um sугeito a uma senhora por vel-a de luto

— Porque está de luto, minha senhora ?

— Por um parente remoto.

— Primo ou tio ?

— Não senhor, meu marido.

— Seu marido ? E diz que é um parente remoto ?

— Sim, senhor. Estava na Chiua.

§

— « Perdoae-lhes porque elles não sabem o que fazem » — foi o texto que escolheu o prégador Chamfort no casamento do senhor d'Aubigue, joven de setenta annos, com uma menina de dezeseite.

§

Estava-se á mesa.

Fallava-se ao acaso : discutia-se e apostrophava-se, sem saber o quê nem o porquê ! Quando se falla muito, é permitido exprimir pouco ; quando se falla pouco, é exprimir, muito por isso, talvez, estavam todos a fallar... muito.

— Precisamos Kirsch ! Kirsch-wasser éo licor dos licores disse alguém.

— Mando-o já buscar ! repondeu o dono da casa E, chamando o criado :

— Rapaz ! disse : n'um pulo ao café Hoffmanu, rua do Alecrim. Uma garrafa de Kirsch ; em menos tempo do que se levaria a tirar-lhe a rolha !

— O criado voltou costas, e o dono da casa encetou o seu elogio.

— Isto não é um criado, é um amigo ! Não é um amigo, é um milagre ! Não é mesmo um milagre, é um sonho ! A serpente tem menos agilidade na sua dupla lingua, do que elle nos seus dous pés ! Não anda, corre ! Não corre, vò ! Não vò, chega ! Por isso tanto é já o habito em que estou da sua ligeireza de relampago, que sei calcular-lhe os periodos da mais incerta jornada ! Agora, por exemplo querem os meus amigos observar com que exactidão, com que veia de astrónomo, com que calculo mathematico puro, eu vou acompanhá-lo in mente, até ao instante de voltar ?

— Vejamos ! exclamaram todos.

— Estamos na rua Formosa : o criado já sahio ; sobe o Calhariz... Chega ao Loreto... Desce a rua do Alecrim... Está perto já da loja... Entrou ! Pede o Kirsh... Dão-lh'o... Espera pelo trôco da libra... Que demora involuntaria ! Sahe... Chega ao Loreto... Desce o Calhariz... Está na rua Formosa... Sobes a escada... Deve estar á porta... José ?

— Senhor meu amo ! respondeu o criado.

— Vêem ? exclamou o dono da casa, rubro de jubilo e de gloria ! Vêem como calculei, como adivinhei, como o acompanhei passo e passo !

— Admiravel ! Maravilhoso ! Unico ! gritaram os convivas em extase !

O criado não apparecia,

— Então rapaz ? bradou de novo o dono da casa.

— Estou quasi prompto, senhor meu amo ! Esteu a calçar as botas... para ir.

§

Mme. Stael frequentava a casa de Mme. Récamier.

Um dia em que ambas se achavam sentadas em um canapé, e que entre ambas ficara um lugar vazio, que nenhum dos assistentes se atrevia a occupar, um alto personagem da corte de Napoleão, aproveitando-se desta circumstancia para se vingar de uma indifferença que contrariava seus projectos de seducção, foi sentar-se entre essas duas senhoras, dizendo com uma causticidade estudada « Cumpre confessar que não se pode estar melhor do que entre o espirito e a belleza » Senhor duque, replicou Mme. de Stael, com um sorriso encantador affectando grande admiracção, é a primeira vez que ouço dizer que sou bella.

Pronunciado esta engenhosa resposta, lançou sobre Mme. Récamier o mais expressivo olhar e esta feliz canoisação, repetida nos circulos de Paris, fechou a boca de todos os detractores da melhor das mulheres.

## Amor e o odio

Estes dois affectos cegos são os dois polos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que pesam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que reparam as fortunas. Elles são os que enfeitam ou decompõem, elles os que fazem ou anniquilam, elles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando as eu arbitrio a cor e figura, a medida, e ainda o mesmo o ser e substancia, sem outra distincção ou injeição que a do querer ou amar. Se os

olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com odio, o cisne é negro; se com amor, o demónio é formoso; se com odio, o anjo é feio; se com amor, o pygmeu é gigante; se com odio, o gigante é pygmeu.

P. ANTONIO VIEIRA.

## Pensamentos

São bellas e magnificas as conquistas do homem. São grandiosas e sublimes essas escadas lançadas por mão de gigantes em direcção aos cimos de Deus: são prodigiosas as montanhas sotopostas ás montanhas com que os novos tropheus tentam escalar o ceu e aproximar-se do grande centro da luz! Que montanha? Não é sobre o pincaro do Chimborazo a base do Hymglala, o Etreo sobre o asso, o asso sobre o Pelieu: é idéa sobre idéa.—  
*Dr. Luiz Delfino dos Santos.*

O veio da decencia é o mais bello ornato da belleza.—  
*Mme. de Flaméran.*

Os beneficios mais gratos a receber são aquelles que o coração pôde pagar.—*Marqueza de Duras.*

A amizade é a unica paixão que a idade não amorteece.—  
*Mme. du Defant.*

A vaidade perde mais mulheres que o amor.—*Mme. de Lambert.*

No acto do casamento, começa o reinado do homem, e acaba o da mulher.—*Mme. de Montier.*

O infortunio é o cadinho da sabedoria.—*Mme. Dussillet.*

Os prazeres do espirito são remedio contra as chagas do coração.—*Mme. de Staël*

## Amor de Creança

Era um amor de creança...  
E que puro amor não era!  
Não tem a terra mais flores,  
Na donosa primavera,  
Do que esperanças eu tive  
N'esse amor que já não vive!

Era uma sombra bemdicta,  
A que esta alma adormecia.  
Velada por mil anjinhos...  
Nem nos céus a noite fria  
Põe mais astros do que sonhos  
Embalavam-me risonhos!

Ella era um anjo calido  
Lá da morada de Deus...  
Inda por isso trazia  
Nos olhos a cor dos céus...  
E quem podia escuta-la  
Dos anjos ouvia a falla!

As flores fallavam d'ella  
Nas conversas do jardim...  
E por ella as borboletas  
Tinham ciumes de mim...  
E eu vivia de esperanza  
N'aquelle amor de creança.

Ella beijava-me a fronte  
E com os olhos me affagava  
E com as brancas mãos de neve...  
Fui, em troca, lhe dava  
O que só creanças dão:  
— As flôres do coração.

Mas era tudo no mundo  
Onde não dura a esperanza...  
E o mundo em breve levou-me  
Aquelle amor de creança...  
E nunca mais sonharei  
Os sonhos, que então sonhei!

LUCIO DE MENDONÇA

## Charadas

Se mudares o accento . . . 2  
No diluvio eu fui salvo, . . . 1  
Da musica faço parte . . . 1  
Em artigo sou achado . . . 1

### CONCEITO

Este nome é de um anjo  
Que na terra não tem par,  
Por seu porte elegante  
Sabe a todos conquistar.

J. DE B.

Preposição portugueza . . . 1  
Sacrificio na religião . . . 2  
De mar semelhança . . . 2  
O mais fiel é ladrão

Olha á direita e esquerda  
D'um batalhão me verás. . . 2  
Alcunha d'homem abastado,  
Não te posso dizer mais. . . 2  
O meu todo é nome d'homem,  
Posto seja muito raro;  
Não adivinhas ainda?  
Não te posso ser mais claro.

A decifração das charadas do n. 43 é: a 1ª, MARAMBAIA e a 2ª, REDD; e as do ultimo n. é: a 1ª, FAVORECIDO, a 2ª, APOLLO e a 3ª, BAIGUE-BARCA.

Typ. da — Lyra de Apollo — rua da Alfandega n. 153.